

# SUPERSTIÇÃO E HIPERSTIÇÃO

Moysés Pinto Neto<sup>1</sup>

*Para Cássia Siqueira, RIP.*

**Resumo:** Cunhado por filósofos de viés aceleracionista, o termo "hiperstição" restitui um sentido imaginativo para a política, apresentando uma ficção que se torna real, ao modo de *self-fulfilling prophecies*. No entanto, a noção também quer se diferenciar como forma sublimada da *superstição* – esse tipo de prática infundada que, desde os iluministas, foi exorcizada dos saberes modernos como completamente descabida, mantendo-se, eventualmente, apenas algum espaço para sua forma mais alta, purificada e espiritualizada: a fé ou a crença. A partir de uma perspectiva extra-axial, politeísta ou indígena, proponho uma visão alternativa sobre a querela superstição/hiperstição, criticando-a a partir dos pensamentos de Silva (2022), Bispo dos Santos (2023), Valentim (2018), Sahlins (2022), Strathern (2019), Assmann (2021) e Danowski & Viveiros de Castro (2014; 2023). A atribuição de “superstição”, assim, aparece como forma de geotopoder (Povinelli, 2016) que distribui as agências de modo “sapiocêntrico”. Superstição e hiperstição contrapõem, do ponto de vista cosmogramático, respectivamente, biointeração e terraformação, orgânico e sintético, transcendência e sobrenatureza e – finalmente – edenistas e indígenas.

**Palavras-chave:** Hiperstição. Superstição. Orgânico. Sintético. Cosmogramas.

**Abstract:** Created by philosophers with an accelerationist bias, the term "hyperstition" restores an imaginative meaning to politics, presenting a fiction that becomes real, in the form of self-fulfilling prophecies. However, the notion also wants to differentiate itself as a sublimated form of superstition – this type of baseless practice that, since the Enlightenment, has been exorcised from modern knowledge as completely unreasonable, eventually leaving only some space for its highest form, purified and spiritualized: faith or belief. From an extra-axial, polytheistic or indigenous perspective, I propose an alternative view of the superstition/hyperstition quarrel, criticizing it based on the thoughts of Danowski & Viveiros de Castro (2014; 2023), Silva (2022), Bispo dos Santos (2023), Valentim (2018), Sahlins (2022), Strathern (2019) and Assmann (2021). The attribution of “superstition”, thus, appears as a form of geotopower (Povinelli, 2016) that distributes agencies in a “sapiocentric” way. Superstition and hyperstition oppose, from a cosmogrammatic point of view, respectively, biointeraction and terraformation, organic and synthetic, transcendence and supernature, and -- finally -- Edenists and indigenous people.

**Keywords:** Hyperstition. Superstition. Organic. Synthetic. Cosmograms.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do RS (2010-2013) com período-sanduíche no Centre for Research in Modern European Philosophy (Kingston - UK). Atualmente é Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## **1. Hiperstição: as profecias que cumprem a si mesmas**

O conceito de hiperstição foi cunhado pelo filósofo Nick Land e disseminado sobretudo a partir de um interessante filme no qual é conectado com o imaginário do movimento aceleracionista (Williams & Srnicek, 2013)<sup>2</sup>. Segundo Srnicek e Williams, hiperstição são as "narrativas capazes de efetuarem sua própria realidade a partir do trabalho dos *feedback loops*, gerando novos atratores sociopolíticos" (O'Sullivan, 2018). Na verdade, a ideia não é tão original, uma vez que o conceito remete à ideia de *self-fulfilling prophecy*<sup>3</sup>, cunhada pelo sociólogo Robert Merton, depois reforçada por Erving Goffman, para caracterizar os processos em que há uma assimilação de um certo padrão social simplesmente pela realização das expectativas contingentes, e também o conceito de "hiper-real", de Jean Baudrillard, utilizado para caracterizar situações em que o simulacro substituiria o real sobre o qual teria sido imaginado, se *hiperrealizando*. O conceito de hiperstição busca, no entanto, a formação de novos atratores políticos, sendo por isso pensado como uma intervenção no futuro enclausurado nas formas do realismo capitalista. A hiperstição envolveria, nas palavras do website do CCRU (O'Sullivan, 2017), quatro características interconectadas:

1. Elemento de cultura efetiva que faz a si próprio real.
2. Um quantificador funcional ficcional como dispositivo de viagem temporal.
3. Intensificador de coincidência.
4. Chamado aos Antigos (Call to the Old Ones).

---

<sup>2</sup> O movimento hoje é dividido em numerosas tendências, das quais se destacam especialmente três: o aceleracionismo incondicional (u/acell), de Nick Land, o aceleracionismo de direita (r/acell e Nrx), também capitaneado pelo próprio Land, mas com adeptos como Peter Thiel e (possivelmente do ponto de vista prático) Elon Musk, e o aceleracionismo de esquerda (l/acell), que tem no seu ecossistema não apenas noções explicitamente aceleracionistas, como o Manifesto de Srnicek e Williams e o xenofeminismo de Helen Hester, Patricia Reed, Sadie Plant e o Laboria Cubiniks, mas um conjunto de autores e autoras como Mark Fisher, Steven Shaviro, JP Caron, Cássia Siqueira, Reza Negarestani, Benjamin Bratton, entre outros. A partir de diversas vias, do neorracionalismo (Negarestani, Hester, Caron, Siqueira) à reapropriação do pós-operarismo (Emerson Pirola, Felipe Fortes), até linhas mais próximas do panpsiquismo (Shaviro), do feminismo e da filosofia queer (Hester, Cuboniks, Damares Pinheiro, Bianca Corrêa, Eduarda Camargo), o movimento constitui hoje uma cena que se conecta com lutas concretas no ambiente político, atravessando o espectro da afinidade com a extrema direita, com o anarcocapitalismo (Land) até seu contrário, a esquerda radical, com a "nova nova esquerda" (Corbyn, Sanders) até o "comunismo de luxo" (Bastani, Marques, Frase, Bratton, Nunes).

<sup>3</sup> O próprio Peter Frase (2016, p. 34), que parece adepto do "comunismo de luxo", utiliza o termo "self-fulfilling prophecy" para caracterizar o potencial da sua especulação.

Um dos grandes potenciais do aceleracionismo é justamente sua inflexão estética extremamente ligada ao universo cibernético que, por óbvio, se conecta muito bem com a aceleração social produzida em larga escala pela combinação entre capitalismo e plataformas digitais, além de inovações como a impressão 3D e a Inteligência Artificial (Fraser, 2016, pp. 42-43; Bastani, 2019, pp. 36-47; Bratton, 2019, p. 22; Negarestani, 2018; Cuboniks, 2018, p. 66; Hester, 2018, p. 91) ou, na outra ponta, da bitcoin e das criptomoedas (Land, 2018). Nisso, a recuperação de uma estética pós-humanista, com direções que remetem ao universo da ficção científica e a possibilidade de criação, inclusive, de uma "*Social science Fiction*" (Fraser, 2016), remete à recepção de imaginários como de Lovecraft e seu Cthulu, Blade Runner, Ciclopes, Exterminador do Futuro, entre outros, em um *approach* que foge das figurações tecnocráticas do "neoliberalismo progressista", de um lado, e do imaginário teológico dos messianismos (por exemplo, a partir da "*Carta aos Romanos*" do apóstolo Paulo) que vingou durante a década passada a partir de filósofos como Jacques Derrida, Alain Badiou, Slavoj Žižek e Giorgio Agamben.

A *reabertura da imaginação* é um imperativo provocado por Mark Fisher (2020), ele próprio um dos grandes nomes do movimento, em contraponto ao realismo capitalista que envolve uma diminuição das expectativas e a aceitação tácita do dito de Margareth Thatcher: "*there's no alternative*". É por meio de uma reativação da imaginação política, que pode se dar em muitas vias – pela razão ("racionalismo frio"), pela psicodelia ("comunismo ácido"), etc. – que novos caminhos são abertos sem coincidir com o "Fim da História" proclamado na última década do século XX (Marques e Gonsalves, 2020, pp. 205-206).

Interessante, no entanto, notar que o conceito de *hiperstição* nasce como um substituto óbvio para um conceito amplamente conhecido na cultura popular: a *superstição*. Trata-se de uma junção das palavras "hype" e "superstição" (Avenassian & Hennig, s/d).

*Hiperstição é um circuito de retroalimentação positiva incluindo a cultura como um componente. Pode ser definida como a (tecno)ciência experimental de profecias autorrealizadoras. Superstições são apenas crenças falsas, mas hiperstições — por sua própria existência como ideias — funcionam causalmente para se tornarem realidade. A economia capitalista é extremamente sensível a hiperstição, onde a confiança age como um efetivo tônico, ou inversamente. A ideia (ficcional) de Cyberespaço contribuiu para o influxo de investimento que rapidamente converteu-a em realidade (Land, 1995).*

A superstição, como diz acima Land, é um tipo de prática infundada, uma “crença falsa”, que, desde os iluministas, é descartada como inferior pelo “esclarecimento” (mesmo que *Dark*, como em Land, 2012). Claro, hoje em dia há superstições e hiperstições, mas é fato que todo *conhecimento* exterior ao universo ocidental é colocado sob a suspeita de ser supersticioso: a medicina chinesa ou indígena, por exemplo, ou ainda feitos mais radicais, como a geoengenharia (ou geobricolagem) que segura o Céu produzida pelos xamãs ianomâmis (Kopenawa & Albert, 2018; Taddei, 2022; Viveiros de Castro, 2023). Seria isso mera superstição? Em geral, a superstição é interiorizada como espécie de patologia (sintoma de alguma disfunção psíquica, individual ou coletiva) ou epifenômeno (válida enquanto representação de algo, em especial relações de poder ou demandas de laço social). Ela foi exorcizada dos saberes modernos como completamente descabida, mantendo-se, eventualmente, apenas algum espaço para sua forma mais alta, purificada e espiritualizada: a fé ou a crença.

Na prática, a desqualificação dos saberes extramodernos como “superstições” envolve o que Povinelli (2016, p. 5) nomeia como “geontopoder”: produção da inabilidade (supersticiosa) entre os povos colonizados em diferenciar entre as coisas que têm agência, subjetividade e intencionalidade, em contraponto à partilha natureza/cultura que orienta a distribuição científica da inanimação e animação senciente e sapiente<sup>4</sup>.

## 2. O Espaço Axial Hipersticional: verdade e fé

*“... depois de pensar longa e seriamente durante dez anos sobre o que os jesuítas nos falaram sobre a vida e a morte do filho do Grande Espírito, qualquer wendat poderia lhes fornecer vinte razões contra essa ideia” (...)*

*(Kondiaronk, intelectual indígena, em Graeber e Weingrow, O Despertar de Tudo) .*

---

<sup>4</sup> “This logic [of self-reference] is specific to a distinct species of selves: selves with sapient consciousness – that is, consciousness capable of conceiving through the form of self-consciousness” (Negarestani, 2018, p. 24; também pp. 56-57 e especialmente p. 111, em que as concepções transhumanistas e mais-que-humanas são tratadas, ambas, como reafirmação do capitalismo neoliberal na sua derrogação de toda inteligência que conduza a uma racionalidade e imaginação coletiva).

A fim de pensar a originalidade da hiperstição, deveríamos retomar às origens da exclusão da superstição como conhecimento sem valor. E não a encontramos apenas nos estertores do "desencantamento do mundo", com o Iluminismo e sua apologia da razão, mas com aquilo que Karl Jaspers nomeou como surgimento da Era Axial. Para Jaspers (1965), teria havido uma passagem radical quando, no período entre 500 A.C. a 200 D.C., se produz uma insólita confluência simultânea entre diversas culturas indicando uma ruptura com as antigas religiões e o surgimento gradual de um universalismo. Nesse momento histórico, surgem Confúcio e Lao-Tsé e formam-se as escolas filosóficas chinesas, enquanto a Índia tem Buda e, como a China, investiga as possibilidades do ceticismo, materialismo e niilismo; no Irã, Zaratustra assume uma visão dual de bem e mal; na Palestina, os profetas hebraicos fazem sua aparição; na Grécia, testemunha-se a aparição de Homero, os poetas trágicos e filósofos como Parmênides, Heráclito e Platão – tudo sem que qualquer uma das regiões soubesse acerca das outras<sup>5</sup>.

Jan Assmann (2021, p. 22) estabelece o corte entre o que denomina como "religiões" (primárias) e "contrarreligiões" (secundárias) a partir da "distinção mosaica". Ao contrário do que se poderia imaginar, não é unicamente entre *muitos* e *um* que se separa o politeísmo do monoteísmo. Citando possibilidades neoplatônicas que remetem à ideia de emanção do Um sob diferentes formas e a própria reconfiguração egípcia do politeísmo após o trauma de Akhenaton, Assmann (2021, pp. 63-67) qualifica como traço fundamental da distinção mosaica o surgimento da ideia de *religiões falsas* e, com ela, *da idolatria dos falsos deuses*. Assim, o que caracteriza o monoteísmo é sua intolerância constitutiva: é preciso não apenas cultuar apenas um Deus, mas atribuir a falsidade a todos os demais enquanto idolatria. O monoteísmo é, por isso, percebido pelo politeísmo como teoclástico.

Assmann (2021, p. 28-29) compara o surgimento das contrarreligiões com o do "contraconhecimento" (*episteme*) por meio da distinção parmenidiana, que introduz as proposições da identidade, da contradição e do terceiro excluído. Segundo ele, antes da distinção o "conhecimento significava algo totalmente distinto do que entre os gregos depois

---

<sup>5</sup> Interessante comparar a perspectiva de Jaspers e Strathern (2019, pp. 81-87 e 108-110) com as leituras imanentistas do pensamento chinês – o Tao – em Julien (2017, p. 288 e 319) e do pensamento indiano em Sodré (2017), assim como a perspectiva “moderna” que recusa o “encantamento” com Latour (2022), mas admite uma agência de modo similar ao de Julien, em termos de propensões.

de Parmênides", uma vez que se entrelaçava aos mitos e não se submetia aos parâmetros críticos introduzidos no ato. No entanto, ao mesmo tempo em distinção mosaica e parmenidiana se encontram, o conhecimento pode se opor a um novo tipo de contraconceito: a fé. Enquanto o conhecimento é falível, submetendo-se ao exame crítico, a fé não é conhecimento, pois "reconhece uma verdade revelada, absoluta e insuperável". Os deuses antigos, segue Assmann, não eram objeto de fé. Ao contrário, "eram objeto de uma evidência simples e natural, uma evidência que o monoteísmo banuiu para o reino da idolatria e da adoração pagã da natureza. Os egípcios antigos, bem como todos os adeptos das religiões primárias, não acreditavam em seus deuses. Tinham conhecimento deles, um conhecimento que não se definia como 'verdadeiro' ou 'falso', comportando vários enunciados que nossos olhos veem como contraditórios" (ver também Sahlins, 2022, pp. 106-107; Strathern, 2019, pp. 97-98).

Ponto de vista transcendentalista				
Transcendentalismo	Hiperstição	Razão + Crença	<i>Logos/Geist</i>	+
Imanentismo	Superstição	Conhecimento infundado	Patologia ou epifenômeno	-

A relação da hiperstição com a crença é ambivalente. Por um lado, o website Hyperstition reivindica entre seus elementos constitutivos a "descrença":

*Incredulidade. Ceticismo pragmático ou fuga construtiva do pensamento integrado e de todas as suas formas de unidade imposta (dogma religioso, ideologia política, direito científico, senso comum...). Cada subciclo vórtice de produção hipersticional anuncia-se através de uma comunhão com "a Coisa" coincidindo com uma "consumação mística da incerteza" ou "alcançar a descrença positiva". ([Hyperstition website](#), 2004, tradução minha)*

Por outro lado, em outros momentos, ela precisa reconhecer uma relação imanente entre crença e hiperstição. Afinal, a hiperstição é a *crença tornada real pela sua própria efetivação*. Avenassian cita outra definição do CCRU: "o hype na verdade faz as coisas acontecerem e usa a crença como poder positivo". Segue o diálogo integral:

*Trent usa o termo “hiperstição” para sistemas de crenças “cibernéticos” como estes. “Não é uma simples questão de verdadeiro ou falso com sistemas hipersticiosos. A crença aqui não tem uma qualidade simplesmente passiva. A situação está mais próxima do fenômeno moderno do hype do que da crença religiosa como normalmente pensamos sobre ela. O hype na verdade faz as coisas acontecerem e usa a crença como um poder positivo. Só porque não é “real” agora, não significa que não será real em algum momento no futuro. .”*

*... “Talvez seja tudo faz-de-conta”, Trent sorri enigmaticamente. “Mas não subestime o poder da crença para fazer as coisas acontecerem...” ([Hyperstition website](#), 2004, tradução minha)*

O próprio Land, no mesmo texto em que define as superstições como "crenças falsas", admite o parentesco entre a hiperstição e o monoteísmo:

*O monoteísmo abraâmico também é potente enquanto um motor hipersticional. Por exemplo, ao tratar Jerusalém como uma cidade santa com um destino histórico-mundial especial, ele assegurou os investimentos políticos e culturais que fazem dessa asserção uma verdade. Hiperstições são, portanto, capazes, sob circunstâncias “favoráveis” cuja natureza exata requer mais investigação, em transmutar mentiras em verdades. (Land, 1995, <https://medium.com/@v1nk3l/hyperstition-150dcb2d5276> )<sup>6</sup>.*

A hiperstição, por isso, é uma *fé que faz sua própria verdade*, ainda que não mediante sua versão mais pura (a ascese), mas do trânsito entre ficção, conhecimento (imagem científica) e realidade (imagem manifesta) exatamente por meio da "crença ativa", o efeito autorrealizável das profecias. Como diz sua própria definição, hiperstição é *profética*.

---

<sup>6</sup> Land (2018) também menciona a Era Axial no seu trabalho sobre bitcoin: “§0.53 — Abstraction emerges within the historical process, as an immanent product. The monetization of human societies during the Axial Age (~2,500 BC) inaugurates it, triggering the innovation of philosophical and mathematical thought”. Também é interessante acompanhar as últimas incursões de Negarestani em torno à mitologia do deserto.

### **3. Transcendência, Imanência e Sobrenatureza**

Jan Assmann destaca um aspecto que retomarei logo em seguida: as religiões antigas eram baseadas numa espécie de "divinização do cosmos", no qual estariam emaranhadas as diversas agências. Embora não tenha usado a palavra, não é tão difícil perceber a relação entre esta divinização e a ideia de *encantamento*, utilizada frequentemente por pensadores como Antonio Bispo dos Santos (2021; 2023), Sahlins (2022), Silvia Federici (2015), Muniz Sodré (2017), Vitor Galdino (2020) e Simas & Ruffino (2020). A modernidade – e aceleracionismo e neoracionalismo fazem questão de destacar de modo inequívoco (sobretudo Brassier, 2007) – é a constante "desmitologização" ou "desencantamento" enquanto perda do caráter mágico do mundo. Aliás, a superstição e o encantamento, em certos momentos, podem ser simplesmente confundidos, como quando se coloca o mágico como ilusionista que produz encantamentos sobre seu público. Para Bispo, o que teria produzido o desencantamento seria a "cosmofobia", que por sua vez dialoga de modo interessante com o conceito de "cosmoteísmo" proposto por Assmann para caracterizar as religiões imanentes.

No mundo monoteísta, a mágica desaparece e a religião (ou "contrarreligião") cria autonomia. Inclusive desaparece *ativamente*, por meio do combate sistêmico à bruxaria e à feitiçaria. O'Sullivan define mágica a partir de Simondon para lembrar que se tratava de um ponto focal em que a religião e a técnica, mais tardiamente separadas, eram uma única coisa. Sob esse prisma, é interessante perceber o caráter *espacial* da mágica, enquanto no regime hipersticional – seja na versão mítico neoreacionária de Land (2018), seja na versão prometeísta de Brassier (2014) e Negarestani (2020) – a relação fundamental é com o *tempo*<sup>7</sup>. Para Simondon, há um lugar privilegiado, um lugar com poder, que impulsiona e delimita o poder que recai sobre o mundo (O'Sullivan, 2017). Já na hiperstição, há uma retroatividade do futuro, em que o passado é reconstruído a partir de um futuro hipersticional. Avenassian e Hennig (s/d) definem assim: "hiperstições são reorganizações do presente com a ajuda de uma unidade vinda do futuro" (tradução minha). Land chega a postular, a partir da ideia de espaço-tempo, um tempo absoluto que sempre prepondera:

---

<sup>7</sup> Com algumas sutilezas, entendendo o progresso dissociado da linearidade e a partir de dimensões cognitivas, Negarestani, 2018, p. 48.



§2.622 — *Pode-se perguntar, com ceticismo, como chega o momento de adquirir este privilégio extraordinário [do tempo]. A resposta banal: aparecendo primeiro. O tempo já está aí desde sempre enquanto alguma coisa existe. O blockchain nos lembra que todo privilégio é fundado (apenas) na prioridade. O tempo já venceu a corrida – que modela todas as competições e todos os desafios – o mais tardar no momento impensável em que começa. Como atesta a etimologia, ele determina a base do sucesso. A priori e a posteriori são determinações de tempo sem um destino último (que é o tempo “mesmo”). O tempo não deve ser pensado de nenhuma outra forma além daquelas que ele próprio permite. Esta é uma lei mais profunda do que qualquer comando. Reconhecê-lo já é o todo da filosofia transcendental (Land, 2018, tradução minha).*

Numa compreensão parecida, mas inversa, Silva narra a Modernidade como a saga que tenta conciliar o "sujeito da transparência" com o "sujeito da afetabilidade", colocando a analítica racial como filosofia primeira para a genealogia do *homo modernus*. É um conflito que se inaugura na divisão cartesiana entre *res cogitans* e *res extensae*, mas que atravessará diversas variações até chegar na *poiesis transcendental* hegeliana (Silva 2022, 133-138)<sup>8</sup>. Na medida em que desaparecem as fundamentações teológicas e instaura-se um universo regido pelo discurso científico, é necessário produzir uma fissura entre o contexto branco-europeu, como portador da trajetória de autoconsciência do Espírito (*Geist*) até o Eu transparente, e o não-branco e não-europeu, em que prepondera a afetabilidade por uma razão científica que governaria os sujeitos subalternos desde fora (Silva 2022, 65)<sup>9</sup>. Segundo Silva, essa apropriação é sobretudo *espacial*, utilizando o termo "engolfamento" para caracterizar um regime que divide o mundo entre regiões de transparência e regiões de afetabilidade, marcadas pela divisão racial, e supostamente sublimadas no dispositivo de historicidade que percorre a Modernidade. Aqui, *o tempo engole o espaço* (Land, 2018), na medida em que o *homo historicus* relega, pela superação, a questão racial à condição temporal. Isso ocorre na mesma medida em que, na partição ontoepistemológica entre interior (sujeito branco, tempo, autonomia) e exterior (não-

---

<sup>8</sup> "Eu irei demonstrar que o desafio dos primeiros filósofos modernos consistia em encontrar uma maneira de sustentar a escrita do homem como uma coisa (interior) autodeterminada num modo de pensamento baseado na afirmação da possibilidade do conhecimento com certeza, isto é, a premissa da universalidade científica, para estabelecer que a mente tem acesso a, se relaciona com e é afetada por coisas que não são ela mesma, ou seja, coisas exteriores, e, mesmo assim, essas coisas não têm qualquer influência sobre o que determina a essência ou a existência da mente" (Silva 2022, 118).

<sup>9</sup> Comparar com Negarestani, 2018, pp. 19-26; Cuboniks, 2018.

branco, espaço, afetabilidade), Silva marca os quadros modernos como um bloqueio da experiência daquilo que significa *Outra-mente* (Pinto Neto, 2024b).

Uma ampla gama de trabalhos antropológicos e filosóficos (Strathern, 2019; Sahlins, 2022; Latour, 2022; Danowski & Viveiros de Castro, 2014 e 2022), apresenta o problema a partir da distinção entre *immanentismos* e *transcendentalismos*. Segundo Strathern (2019, tradução minha), por exemplo, as características principais do imanentismo seriam: (a) atribuição promíscua da personalidade; (b) cosmologia relativamente monista; (c) papel relativamente insignificante e indiferenciado da vida após a morte; (d) o papel da religião é atingir o poder sobrenatural para o florescimento da existência aqui e agora; (e) a moralidade é comunal, local e não-sistemática; (f) as metapessoas são definidas pelo poder, não pela ética; (g) a religiosidade tende ao empírico, pragmático e experimental; (h) dinamismo, mutabilidade, oralidade e revelação contínua; (i) os conceitos de "religião", "crença" e "pertencimento" têm pouca ressonância êmica; (j) localismo e universalismo traduzível. Já o transcendentalismo, por sua vez, teria as seguintes características: (a) uma quebra ontológica entre um reino transcendente e outro mundano; (b) escape da existência mundana, ou salvação, torna-se o objetivo definitivo; (c) a atividade mundana é profundamente reestruturada de acordo com um processo de eticização; (d) inversão dos valores mundanos e virtude soteriológica; (e) interioridade individual em vez de ação ritual torna-se a arena privilegiada da vida religiosa; (f) verdade, crença e ofensividade; (g) fechamento e textualização do cânone e singularidade histórica da primeira revelação; (h) intelectualização e controle conceitual; (i) identidade autoconsciente e combatividade; (i) credos universalistas para exportação como pacotes coerentes; (j) estabelecimento de hegemonia a partir da monopolização ou interiorização das metapessoas; (k) status ambivalente da mágica; (m) cleros formam instituições com grande poder organizacional; (n) tradições emergentes fora do desenvolvimento de uma ideologia estatal; (o) dinâmica da reforma.

Podemos tomar a imagem do mármore e a murta narrada por Eduardo Viveiros de Castro no encontro entre indígenas e europeus na chegada dos últimos às Américas como um choque entre os mundos imanentistas e transcendentalistas. Tomando uma citação do Padre Antonio Vieira, Viveiros descreve como, segundo o jesuíta, o gentio do país “era exasperadamente difícil de converter. Não que feito de matéria refratária e intratável; ao contrário, ávido de novas formas, mostrava-se entretanto incapaz de se deixar impressionar”. Com isso, esse “gentio sem fé, nem lei, nem rei não oferecia um solo psicológico e institucional onde o Evangelho pudesse deitar raízes”. Ou seja, o “inimigo aqui não era um dogma diferente,

mas uma indiferença ao dogma, uma recusa de escolher” (Viveiros de Castro, 2011, p. 184). Ou ainda, a citação de outro jesuíta por Graeber & Weingrow (2022, p. 563, n. 22): “Não há nada mais difícil quanto controlar as tribos da América. (...) Para eles, dominar as próprias paixões é considerado uma grande piada, enquanto dar rédeas livres aos sentidos é filosofia sublime”. A alma indígena seria *inconstante* na sua relação com a alteridade. Longe da imagem da crença, da fé, da convicção firme que sustentaria como base toda relação ao outro como outro, a inconstância parece mais uma atenção flutuante entre o acreditar e o não acreditar, entre levar a sério e não levar, colocando problemas para a teoria da verdade.

Segundo os jesuítas, a resistência dos Tupinambá não se dava pela sua religião, mas em face da sua cultura. Na verdade, sua religião foi simplesmente relegada a uma “barbárie de terceira classe” que sequer poderia ser reconhecida como religião, reduzida então a mera *superstição* (ver também Strathern, 2019, pp. 116-117). Mas o que os missionários não viram, segue Viveiros de Castro, foi que “os ‘maus costumes’ dos Tupinambá eram sua verdadeira religião, e que sua inconstância era o resultado da adesão profunda a um conjunto de crenças de pleno direito religiosas” (Viveiros de Castro, 2011, p. 192). Apesar disso, a *crença em si*, ou seja, a fé, jamais se estabelecia de uma vez por todas: nem “creem nem deixam de crer: os índios, pelo jeito, não conseguiam acreditar nem em Deus, nem no terceiro excluído. Ou, como dia mais tarde Vieira, ‘ainda depois de crer, são incrédulos’” (idem, p. 214; ver também Graeber & Weingrow, 2022, p. 62)). Conforme escrevi em outro texto:

*Viveiros de Castro (2015, p. 228) pergunta: “Levar a sério significaria, então, ‘acreditar’ no que dizem os índios, tomar seu pensamento como exprimindo uma verdade sobre o mundo?” Mas a própria ideia de crença é circunstanciada. Quer dizer, notam Escotado e Pollan, apenas por exemplo, há uma diferença entre as práticas espirituais que pressupõem a fé (os monoteísmos), de um lado, e aquelas que simplesmente realizam a experiência (os xamanismos), de outro. Separação que se repete na divisão de Marshall Sahlins e Alan Strathern entre imanentismos e transcendentalismos. O pensamento do nativo, diz Viveiros de Castro (2015, pp. 229, 231), “deve ser tomado – se se quer tomá-lo a sério – como prática de sentido”. Mas, é bem dizer, não se trata do sentido apenas na dimensão linguístico-fenomenológica, mas mantendo os valores de outrem “indefinidamente como possíveis – nem desrealizando-os como fantasias dos outros, nem fantasiando-os como atuais para nós”. Nesse processo, é preciso simetrizar experiência e conceito, permitindo que aquela transforme este a fim de enriquecer, e não empobrecer, o mundo, como ocorre com os esforços da crítica desmistificadora. Em outros termos, é preciso produzir o movimento de reversão ontoepistemológica, permitindo que a própria prática*

*nativa transforme os conceitos com os quais ela é analisada (Pinto Neto, 2024b).*

Curiosamente, Simon O'Sullivan (2018) retorna ao ponto quando compara a tecnologia avançada com a mágica, retomando as "religiões não-monoteístas como o paganismo". E pergunta: "em uma veia mais especulativa poderíamos até perguntar se há algo como uma forma de religião 'avançada' (de uma forma diferente que as dominantes monoteístas?". E termina com a sugestão: "Ciência-mito, para retornar à minha breve definição acima, pode ser um nome para aquelas práticas que se dirigem às conexões entre a tecnologia primitiva e avançada em meio à religião pré- e pós-moderna: uma ficção científica pagã, talvez?". Interessante, em meio ao próprio horizonte da estética aceleracionista, reaparece a sombra da imanência.

#### 4. Orgânico e Sintético

*The history of mind is therefore quite starkly the history of artificialization (Negarestani, Intelligence and Spirit)*

*We declare that only a Promethean politics of maximal mastery over society and its environment is capable of either dealing with global problems or achieving victory over capital. (Williams+Srnicek, #Accelerate)*

Prosseguindo a distinção cosmogramática, poderíamos utilizar a outra chave desenvolvida por Nego Bispo ma distinção entre imanentes e transcendentas. Segundo ele, existem os povos "que cultuam um único Deus, o Deus da Bíblia, onipotente, onisciente e onipresente", ou seja, "pertencem a uma religião monoteísta". De outro lado, "os ditos pagãos são os povos que cultuam os elementos da natureza tais como a terra, a água, o ar, o sol e várias outras divindades do universo, as quais chamam de deusas e deuses, e por isso pertencem às religiões politeístas" (Santos, 2021, p. 21). Em contraponto ao universo industrial dos brancos, o mundo quilombola é biointerativo. O modo monoteísta demanda a manufatura da natureza em produtos. Segundo ele, "isso fez com que esse povo desterritorializado, antinatural, eternamente castigado pelo seu Deus, sentisse a necessidade de se reterritorializar em um território sintético" (Santos, 2021, p. 74). Bispo, com isso, contrapõe o modo orgânico de vida

dos povos politeístas, regido pela biointeração, com o modo sintético da indústria monoteísta, que por sua vez se transforma em uma guerra sobre territórios para ampliação das suas formas.

Curiosamente, ou talvez não, os próprios aceleracionistas referem ao seu projeto como de *liberdade sintética*. Segundo Srnicek & Williams (2015, p. 82, tradução minha), “uma imagem como essa de emancipação não poderá jamais ser satisfeita ou condensada em uma sociedade estática, mas vai ao contrário continuamente tensionar para além de quaisquer limitações. A liberdade é um empreendimento sintético, não um dom natural”<sup>10</sup>. E, retirando apenas as palavras que remetem ao cristianismo propriamente dito, as palavras de Bispo são reverberadas por Negarastani: “No despertar da racionalidade científica, a mente torna-se uma onda de desenraizamento noético” (2018, p. 84). O reconhecimento da finitude, que em Bispo aparece como *envolvimento*, aparece como “degradação” (2020, p. 8). Não resta muita dúvida que tanto os projetos de Land (2018), de um lado, quanto Brassier (2014, p. 473) e Negarestani (2018, p. 49), de outro, demonstram o caráter *transcendentalista* da hiperstição.

Ponto de vista imanentista				
Transcendentalismo	Hiperstição	Razão + Crença	Sapiocentrismo/ Inumanismo Sintético	-
Imanentismo	Cosmologia ou política cósmica	Conhecimento	Agência distribuída no cosmos	+

Na sua vertente de esquerda, o "trabalho do inumano" enquanto contraste sellarsiano entre "imagem manifesta" e "imagem científica" aparece como aspecto central. A imagem humana não pode ser reificada em qualquer das suas formas populares ("*folk*"), correspondendo ao "mito do dado" ("*mith of given*"), podendo ser explorada sem

<sup>10</sup> Ver também Negarestani, 2018, p. 30; Cuboniks, 2018.

reconhecimento de limites objetificadores (Brassier, 2007, pp. 3-9; Negarestani, 2018, p. 110). Ou seja, o trabalho do inumano é a contínua interrogação da categoria do humano (Negarestani, 2020). Há um circuito de retroalimentação que passa pelo constante redesenho da categoria do humano mediante "navegação conceitual" e "auto-atualização da razão" por meio da constante reinicialização (*bootstrapping*), com um *aumento* da "realidade dada" (*augmented reality*) (O'Sullivan, 2016; Negarestani, 2018 e 2020; Cuboniks, 2018; Hester, 2018). Em Brassier (2014, p. 481), sua noção de sofrimento com inspiração budista, psicanalítica e neurocientífica coloca a própria libertação da finitude que está em jogo. Questionando o caráter "dado" do mundo, ele busca libertar o impulso prometeísta e o potencial do humano. É o próprio *nihil* que se abre sem limites. Trata-se, diz O'Sullivan (2016), do desenho de uma "reengenharia do humano", colocando-se como sucessora do Iluminismo e seu mais representante mais prometeísta, Marx (também Fisher, 2012; Marques e Gonsalves, 2020, pp. 196-197).

Assim, a hiperstição de esquerda, voltada para o futuro retroativo, está baseada entre seus principais representantes no deslocamento do humano para a transcendência, mesmo que naturalizada sob a forma de "sapiência" (Negarestani, 2018, p. 37, 56-57). O "espaço de razões" que constitui a normatividade é uma separação da animalidade que reafirma a bifurcação entre natureza e cultura (humano), fazendo suas hiperstições na forma de alargamento do mundo dado em prol de outro mundo com os potenciais humanos ampliados por meio de uma engenharia conceitual baseada na razão. O inumano é esse estranho transcendente, o *Geist*, que seculariza a virada axial por meio de uma interiorização/exteriorização, naquilo que Denise Ferreira da Silva nomeia "poesis transcendental" (Silva 2022, 176-206). *Há uma transformação sintética da realidade por meio do inumano no humano*. Contudo, enquanto filósofos de esquerda, reivindicam a engenharia *servindo* a fins humanos/comunistas (Srnicsek & Williams, 2015; Bastani, 2019; Frase, 2016; Negarestani, 2020; Cuboniks, 2018), por isso seu destaque para a normatividade enquanto espécie de controle ético sobre o processo que se confunde com ele próprio (Negarestani, 2018, p. 110; Brassier, 2014, p. 485-486). Por isso, qualifico-os como *edenistas* (Pinto Neto, 2024; ver também Bensusan, 2020). Land, por outro lado, *exterioriza* integralmente o *Geist*, transformando-o numa espécie de monstro inominável que rege, como um autômato, uma aceleração incondicional e alheia ao humano (Marques e Gonsalves, 2020, pp. 198-199). Land então abandona o humano: qualifica-o como "Catedral", estrutura hierárquica e *establishment* que neutraliza o futuro, e permite uma libertação integral das forças caóticas que impulsionariam o mercado, o Capital. Como diz O'Sullivan (2017), "a antipatia de Land é mais

dirigida mais à raça humana em geral". Considero que Land oscila entre o digitalismo – sendo talvez seu maior representante – e o supremacismo, quando procura materializar em algum ente concreto a monstruosidade transcendental (Pinto Neto, 2024a). Seu ensaio sobre a bitcoin (Land, 2018) é exemplo do digitalismo; seus textos alinhados com o NRx (Land, 2012), por outro lado, são exemplos de supremacismo.

## **5. Tudo é cósmico e exterior<sup>11</sup>**

O que é surpreendente pensar é que você precisa *acreditar* na hiperstição; enquanto ninguém *acredita*, realmente, nas supostas superstições. Você as conhece. Como diz Sahlins (2022, p. 13), a "crença" etnográfica é frequentemente uma etnocêntrica checagem da realidade para o que as pessoas *sabem*. Superstições simplesmente *acontecem* quando são eficazes, pois não têm necessariamente relação direta com a agência humana. São heterônomas. “Em vez de ‘supersticiosos’, ‘iludidos’, ou de alguma forma tomados por fantasias desejadas, seus encantamentos são efeitos de um sustentado e radical empirismo” (Sahlins, 2022, p. 39, tradução minha).

A hiperstição mantém-se na partilha moderna entre natureza e cultura, uma vez que pressupõe um campo de *crença*, precisamente a *profecia*, que é compartilhada a fim de produzir o efeito de ativação da ficção. Seu campo, por isso, é fenomenológico, produzido a partir da "mundanidade" humanista (revisando as condições transcendentais), embora possa ter implicações ontológicas (Valentim, 2018, pp. 77-81). A superstição, ao contrário, pertence ao nível ontológico, envolvendo a "vontade das coisas", que poderíamos traduzir como propensões

---

<sup>11</sup> A expressão é de Oswald de Andrade, mas a referência aqui é de Mattos (2013): “Assim, lemos na Revista de Antropofagia: “Tudo cósmico e exterior. Eliminamos pela certeza epistemológica o curto-circuito do subjetivismo. Identificamos a introversão objetiva. (...) Eis — elucidação de todos os erros dualistas e a Crítica do Espírito realizada definitivamente pela Antropofagia”. A “elucidação de todos os erros dualistas” não consiste em resolver a bifurcação da natureza amputando o lado que não pode ser reduzido às condições postas pelo “uso legítimo da razão”. Não se trata de apagar a diferença entre corpo e espírito em um monismo simples. A dualidade não precipita um dualismo ontológico: não há algo que seja não-material, *res cogitans*, e, portanto, não há o meramente material. A filosofia antropofágica elabora uma imagem do pensamento como coextensivo à ação: pensamentos e ações acontecem em um mesmo espaço lógico. Temos uma imagem do pensamento próxima àquela atribuída aos ameríndios por Viveiros de Castro: ‘algo que, se passa pela cabeça, não nasce nem fica lá; ao contrário, investe e exprime o corpo da cabeça aos pés, e se exterioriza como afeto incorporante: predação metafísica, canibalismo epistêmico, antropofagia política, pulsão de transformação do e no outro’”.

ou tendências, no léxico de François Jullien (2017, p. 286)<sup>12</sup>, ou como encantamento, no léxico de Sahlins<sup>13</sup>. A diferença é que a hiperstição é sintética, enquanto a superstição, orgânica.

Edenistas	Sintético	Naturalista	Transcendência + Natureza = Mundo
Indígenas	Orgânico	Animista	Sobrenatureza + Céu/Terra = Cosmos

O mundo edenista é sintético e vazio<sup>14</sup> (isto é, no seu léxico: livre): “a certeza que nosso modo de vida, nossa cultura, é feita por nós, sujeita à invenção e à intenção humana” (Sahlins, 2022, p. 32). Com a maestria humana, pode ser alargado infinitamente, desde que recusada a reificação na forma do dado: “o pleno desenvolvimento da liberdade sintética, portanto, requer uma reconfiguração do mundo material de acordo com a tendência a expandir nossas capacidades para a ação” (Srnicsek & Williams, 2015, p. 82; Bratton, 2019, p. 12; Hester, 2018, pp. 9-12). O aceleracionismo é a nova filosofia do progresso, do universalismo e de um futuro que desenvolve experimentalmente a sapiência humana (idem, pp. 71-83; também Negarestani, 2018, p. 48; O’Sullivan, 2018). Ele *terraforma* mundos: “a diferenciação entre um reino ‘sobrenatural’ e uma ‘natureza’ terrestre refere-se ao tipo de mundo que o Deus Cristão criou do ‘nada’” (Sahlins, 2022, p. 37; também, do outro lado, Bratton, 2019).

O cosmos indígena, por outro lado, mostra mundos orgânicos e povoados (isto é, constantemente heterônomos). Não há maestria humana (ou sapiente), mas um multiverso de

---

<sup>12</sup> “Assim, à explicação causal opõe-se a implicação tendencial: a primeira deve remeter, na qualidade do antecedente, a um elemento que é sempre externo, de modo regressivo e hipotético; no segundo caso, a evolução em curso decorre totalmente da relação de força inserida na situação inicial, constituindo-se como um sistema fechado e, portanto, à maneira do inevitável”.

<sup>13</sup> Ver também Latour (2022, p. 101) propõe o problema de não desanimar as coisas: “Quando se sustenta que existem, de um lado, um mundo natural e, de outro, um mundo humano, propõe-se simplesmente dizer, após o fato, que uma porção arbitrária dos atores seja despojada de toda ação e que outra parte dos mesmos atores, também arbitrária, será dotada de uma alma (ou de uma consciência). Mas essas duas operações secundárias deixam perfeitamente intacto o único fenômeno interessante: a substituição das formas de ação no seio da zona metamórfica por meio de transações entre potências de agir de múltiplas formas e origens. Isso pode parecer paradoxal, mas, para ganhar no realismo, é preciso deixar de lado o pseudorealismo que pretende desenhar o retrato de humanos se exibindo à frente de um cenário de coisas”.

<sup>14</sup> A referência ao vazio é clara, por exemplo, em trabalhos de Brassier (2007) e Bratton (2019). Brassier defende o nihilismo como “oportunidade especulativa” e Bratton considera um eventual crucial, por exemplo, a descoberta dos buracos negros (“true nothingness”).



agências (rios, montanhas, animais, vegetais, minerais, espectros, deuses, demônios) que estão em perpétuo movimento.

*Oswald parece se referir ao que seria então um desenvolvimento científico baseado na incorporação de afetos, incorporação antropofágica na medida em que é antropomórfica, isto é, na medida em que concebe a relação significativa entre sujeito e objeto como uma relação entre dois sujeitos em potencial, na qual um dos pólos, para se subjetivar ou se determinar como humano, consome os afetos do outro sem reduzi-lo previamente a matéria inerte — o que tornaria a relação irrelevante, anulando seu poder de diferenciação. Ao contrário dos materialismos em voga, que postulam que a relação epistemológica entre um sujeito e um objeto é na verdade uma relação entre dois objetos quaisquer, a antropofagia pensa que toda relação de conhecimento é potencialmente uma relação entre sujeitos, com diferenças corporais significantes, diferenças que dão a razão da incorporação e que não podem ser diluídas (Matos, 2013, p. 19).*

Os indígenas, portanto, são extramundanos (Valentim, 2018): a atividade de "formação de mundo", também confundida com o próprio transcendental enquanto condição de experiência, é imanentizada por um multiverso em que sobrenatureza e natureza estão no mesmo plano, em constante trânsito por meio das trocas (Sahlins, 2022, p. 36). A virada axial faz surgir a transcendência e reprime a sobrenatureza. A primeira, é hipersticiosa. A segunda foi jogada no campo da superstição. Seu sobrenatural, por isso, é consumido pelo *Geist*, forma secularizada (ou naturalizada) da alma dualística, da transcendência ao transcendental, enquanto no multiverso imanente as camadas são móveis e circuláveis, a ontologia é perspectivista e simetrizadora, o privilégio antropocêntrico (ou sapiocêntrico) não existe, pois tudo pode ser pessoa (Sahlins, 2022, p. 72). Um mundo transcendental sem sobrenatureza (portanto, naturalista) *versus* um extramundo sobrenatural sem transcendência (portanto, animista) é o que sustenta, respectivamente, hiperstição e superstição<sup>15</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: **A Utopia Antropofágica**. 4a. ed. São Paulo: Globo, 2011.

---

<sup>15</sup> Refiro-me aqui à classificação de Philippe Descola (2016), mas a ambiguidade naturalista/antinatural é trabalhada em Cuboniks, 2018 e Hester, 2018.

ASSMANN, Jan. **The Price of Monotheism**. Tradução Robert Savage. Stanford: Stanford University Press, 2010.

AVENASSIAN, Armen & HENNIG, Anke. **Who's afraid of (Left) Hyperstitions?** Manuscript. Disponível em: [https://www.academia.edu/23874475/Whos\\_Afraid\\_of\\_Left\\_Hyperstitions](https://www.academia.edu/23874475/Whos_Afraid_of_Left_Hyperstitions). Acesso em 18.7.2024.

BASTANI, Aaron. **Fully Automated Luxury Communism**. London/NY: Verso, 2019.

BENSUSAN, Hilan. **Linhas de Animismo Futuro**. Brasília: IEB/Mil Folhas, 2017.

BENSUSAN, Hilan. Cosmopolitical parties in a post-human age. **&&& Platform: the New Centre for Research and Practice**. Disponível em: <https://tripleampersand.org/cosmopolitical-parties-post-human-age/>. Acesso em 12.08.2021.

BENSUSAN, Hilan. Los partidos cosmopolíticos del paraíso artificial y de la infancia de las maquinas. **Das Questões**, Vol. 08, nº01, abril, 2020.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. 2ª ed. Brasília: Ayó, 2019.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu/PISEAGRAMA, 2023.

BRASSIER, Ray. **Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction**. Hampshire: Palgrave MacMillan, 2007.

BRASSIER, Ray. Prometheanism and its Critics (2014). In: **#Accelerate: the accelerationist reader**. Ed. Robin Mackay & Arman Avanessian. London: Urbanomic, 2014.

BRATTON, Benjamin. **The Terraforming**. Strelka Press, 2019.

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro: ISA/Cultura e Barbárie, 2014.

DESCOLA, Philippe. **Outras Naturezas, Outras Culturas**. Trad. Cecília Ciscato. Rio de Janeiro: Editora 34, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns**. Trad. Col. Sycorax. São Paulo: Elefante, 2022.

- FISHER, Mark. Terminator vs Avatar (2012). In: **#Accelerate: the accelerationist reader**. Ed. Robin Mackay & Arman Avanessian. London: Urbanomic, 2014.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalism?** Trad. Rodrigo Gonsalves et al. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- FRASE, Peter. **Four futures: visions of the world after capitalism**. London/New York: Verso Books (edição digital), 2016.
- GALDINO, Victor. Aquilombamento Imaginal / realismo esclarecido. In: **Experimentos de filosofia pós-colonial**. Org. Cláudio Medeiros e Victor Galdino. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.
- GRAEBER, David & WEINGROW, David. **O Despertar de Tudo**. Trad. D. Bottmann e C. Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- HESTER, Helen. **Xenofeminism**. Cambridge: Polity, 2018.
- HYPERSTITION. **Polytics**. Disponível em: <http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/006777.html>. 2014. Acesso em 2.8.2024.
- JASPERS, Karl. **The Origin and Goal of History**. New Haven and London: Yale University Press, 1965.
- JULLIEN, François. **A Propensão das Coisas: por uma história da eficácia na China**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Unesp, 2017.
- KOPENAWA, D. & ALBERT, B. **A Queda do Céu: palavras de um xamã ianomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia** : oito conferências sobre a natureza do Antropoceno. Trad. Marylua Meyer. São Paulo : Ubu, 2022.
- LAND, Nick. A quick and dirty introduction to accelerationism. **JacobiteMag**. Disponível em: <<https://jacobitemag.com/2017/05/25/a-quick-and-dirty-introduction-to-accelerationism/>>, 2017.
- LAND, Nick. Hyperstition. In: **Catacomic**, 1995. Trad. Kelvin. <https://medium.com/@v1nk3l/hyperstition-150dcb2d5276>. Acesso em 18.7.2024.

- LAND, Nick. **Crypto-Current: bitcoin and philosophy**, version 1.0, October 31, 2018. Disponível em: <https://etscrivner.github.io/cryptocurrent/>. Acesso em 5.4.2022.
- LAND, Nick. **The Dark Enlightenment**. Disponível em: <https://oldnicksite.wordpress.com/2012/03/02/the-dark-enlightenment-part-1/>, 2012. Acesso em 18.7.2024.
- MARQUES, Victor & GONSALVES, Rodrigo. Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo (Posfácio). In: FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalism?** Trad. Rodrigo Gonsalves et al. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- MATOS, Marcos de Almeida. *Tudo Cósmico e Exterior*: observações sobre a o(do)ntologia do pensamento antropofágico. **Sopro**, 93, Agosto/2013.
- NEGARESTANI, Reza. **Intelligence and Spirit**. London: Urbanomics, 2018.
- NEGARESTANI, Reza. O Trabalho do Inumano. Disponível em: <https://zazie.com.br/produto/reza-negarestani/>, 2020.
- NUNES, Rodrigo. O luxo do comunismo. In: **Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra**. Vol. 1. Org: Déborah Danowski et al. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2023.
- O'SULLIVAN, Simon. Accelerationism, Hyperstition and Myth-Science. **Cyclops Journal**, 2017. Disponível em: [https://www.simonosullivan.net/articles/Accelerationism\\_Hyperstition\\_and\\_Myth-Science.pdf](https://www.simonosullivan.net/articles/Accelerationism_Hyperstition_and_Myth-Science.pdf). Acesso em 18.7.2024.
- O'SULLIVAN, Simon. Myth-science as Residual Culture and Magical Thinking. **Post-medieval: a journal of medieval cultural studies**, 2018. Disponível em: <https://www.simonosullivan.net/>. Acesso em 18.7.2024.
- O'SULLIVAN, Simon. Accelerationism, Prometheanism and Mythotechnesis, **Cyclops Journal**, 2016. Disponível em: [https://research.gold.ac.uk/id/eprint/19765/1/Accelerationism\\_Prometheanism\\_Mythotechnesis.pdf](https://research.gold.ac.uk/id/eprint/19765/1/Accelerationism_Prometheanism_Mythotechnesis.pdf). Acesso em 1.8.2024.
- PINTO NETO, Moysés. Teoria dos Quatro Cosmogramas. **IHU Ideias**, n. 359, v. 22, 2024a. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/359cadernosihuideias.pdf>. Acesso em 2.8.2024.

PINTO NETO, Moysés. Psicodelia e Exterioridade: a farmácia do xamã. **Kalagatos**, v. 21, n. 2, 2024b. Disponível: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/131>. Acesso em 2.8.2024.

POVINELLI, Elisabeth. **Geontologies: a requiem for late liberalism**. Duke University Press, 2016.

SAHLINS, Marshall. **The New Science of the Enchanted Universe: an anthropology of most of humanity**. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2022.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homo Modernus: para uma ideia global de raça**. Trad. Jess Oliveira e Pedro Dahner. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio & RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre a política da vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

STRATHERN, Alan. **Unearthly Powers: religious and political change in world history**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

TADDEI, Renzo. Alter geoenharia. In: **Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra**. Vol. 1. Org: Déborah Danowski et al. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2022.

VALENTIM, Marco Antonio. **Extramundandade e Sobrenatureza: ensaio de ontologia fundamental**. Desterro: Cultura e Barbárie, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Floresta de Cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 319-338, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O matriarcado e o antropófago quase-transcendental, 2024. Disponível em: [https://www.academia.edu/116256860/O\\_matriarcado\\_e\\_o\\_antrop%C3%B3fago\\_quase\\_transcendental](https://www.academia.edu/116256860/O_matriarcado_e_o_antrop%C3%B3fago_quase_transcendental). Acesso em 1.4.2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Deborah. The past is yet to come. **e-flux**, Journal 114, December 2020. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/114/364412/the-past-is-yet-to-come/>. Acesso em 12.08.2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A revolução faz o bom tempo. In: **Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra**. Vol. 1. Org: Déborah Danowski et al. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2023.

WILLIAMS, Alex & SRNICEK, Nick. #Accelerate: Manifesto for and Accelerationism Politics (2013). In: **#Accelerate: the accelerationist reader**. Ed. Robin Mackay & Arman Avanessian. London: Urbanomic, 2014.